

As Cidades-Gêmeas Entre Brasil e Uruguai e a Atuação das Universidades Brasileiras no Desenvolvimento do Turismo Transfronteiriço Regional

Edegar Luis Tomazzoni¹
Luciana de Castro Neves Costa²

Resumo: A preocupação com as fronteiras, em âmbito governamental e educacional, vem incentivando a possibilidade de o turismo constituir-se estratégia de desenvolvimento dessas regiões. O objetivo do artigo é analisar o potencial de atratividade local, com base na configuração de uma oferta turística competitiva, por meio da cooperação transnacional ou transfronteiriça entre cidades-gêmeas, especificamente, a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Além de revisão bibliográfica e de investigação documental, o método da pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, foi de observação direta da atuação das organizações do turismo local, especialmente, das instituições de ensino e pesquisa brasileiras, que oferecem cursos na área. Verificam-se avanços nos estudos que contemplam o turismo em tais áreas limítrofes, proporcionando diretrizes para sua compreensão e para a implementação de propostas de projetos de desenvolvimento turístico regional nesses espaços complexos.

Palavras-chave: Turismo. Fronteira. Cidades-Gêmeas (Brasil-Uruguai). Universidades. Desenvolvimento Regional.

Abstract: Governmental and educational concern over border regions encourages tourism as regional development strategy. The aim of this paper is to analyze the potential attractiveness of the configuration of a competitive tourism offer through transnational or cross-border cooperation between twin cities, specifically, on the border between Brazil and Uruguay. In addition to literature review and desk research, the research qualitative and exploratory method was direct observation of the performance of local tourism organizations, especially the Brazilian institutions of education that offer courses in the area. There are advances in studies that include tourism in such border areas, providing guidelines for understanding and implementation of proposals for regional tourism development projects in these complex areas.

Keywords: Tourism. Border. Twin Cities (Brazil-Uruguay). Universities. Regional Development.

Introdução

Com a globalização e as ideologias a ela associadas, surgiu um movimento de liberalização e de integração das fronteiras, que conduziria a ampla circulação de pessoas e de mercadorias e à criação de grandes blocos regionais. No entanto, o movimento da livre circulação de pessoas e da

¹ Doutor em Ciências da Comunicação com Ênfase em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: eltomazzoni@usp.br

² Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – RS. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel (RS). Docente do Curso de Tecnologia em Gestão do Turismo, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus Jaguarão (RS). E-mail: lux.castroneves@gmail.com

força de trabalho não tem se apresentado como ato contínuo, mesmo no interior de blocos regionais. (CASTROGIOVANNI e GASTAL, 2006). A concepção de contato vem assim contribuir para a concepção de região de fronteira, que esvaziaria a ideia de limite ou linha.

Região seria entendida como um subespaço, uma zona muitas vezes bastante povoada, onde os habitantes de estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, material e simbólico. (MARTIN, 1998). Percebidos em sua dimensão espacial, territorial, e não apenas política, de acordo com Castello (1995, p. 18), os espaços fronteiriços apresentam uma dupla condição de separação e encontro. “A fronteira é, a um só mesmo tempo, área de separação e de aproximação, linha de barreira e espaço polarizador. É, sobretudo, um espaço de tensões, de coexistência das diferenças, e do estabelecimento de novas realidades socioculturais”.

No Brasil, em função de sua grande extensão territorial, a fronteira distribui-se ao longo de 15.719km de linha-limite, e abrange 588 municípios de 11 unidades da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Santa Catarina. Reúne uma população estimada em dez milhões de habitantes, fato que evidencia a importância em conhecer e reconhecer nestes espaços potencialidades até então ignoradas por sua condição limítrofe, principalmente no que se refere ao seu aproveitamento turístico, com exceção de Foz do Iguaçu. (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO REGIONAL, 2009).

Para Severo (apud SCHÄFFER, 1990), a fronteira, enquanto componente nacional, tem sido um espaço físico e humano tratado mais como zona de provável atrito internacional do que como área avançada de contato com outro país. Tal concepção acabou por legar-lhe uma conotação de potencial perigo, o que implicou na restrição da implementação de projetos de integração e desenvolvimento regional. Essa perspectiva impediu a percepção do potencial que se apresenta em tais regiões, principalmente no que se refere à consolidação de Mercosul e ao desenvolvimento nacional e sul-americano, uma vez que o Brasil mantém contato físico-geográfico direto com os demais países integrantes deste bloco econômico.

No Rio Grande do Sul, a complexidade do contato fronteiriço durante todo o seu processo de constituição levou à dupla condição apontada por Castello (1995): de separação e estabelecimento de limites em seus primórdios, nas constantes disputas das Coroas Lusa e

Espanhola no século XIX, e de troca e integração, que também se estabeleceu durante esse processo de demarcação do território. A cooperação transfronteiriça tem sido, desde o estabelecimento dos limites nacionais, uma necessidade para os habitantes do sul do país, não apenas no que se refere aos aspectos comerciais, mas ainda no que se refere ao atual trânsito de pessoas em suas viagens internacionais. A cooperação é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico das regiões de Fronteira.

Em razão da potencialidade da atividade turística no incentivo ao desenvolvimento de localidades e regiões, o turismo foi assumido pelo Governo Federal do Brasil como um dos vetores de desenvolvimento a ser estimulado nas áreas de fronteira. No campo das estratégias de regionalização para a efetivação das ações e diretrizes propostas, a Faixa de Fronteira foi dividida em três grandes arcos – Norte, Central e Sul – e em 17 sub-regiões.

Diante dessa condição fronteiriça do estado do Rio Grande do Sul e das particularidades culturais que caracterizam as populações, que ainda não são plenamente envolvidas na atividade turística, principalmente, no caso das cidades-gêmeas, Jaguarão e Rio Branco, iniciou-se um movimento de qualificação e de desenvolvimento do turismo local e regional. Destaca-se a recente instalação de universidades federais, para ensino e pesquisa, em cidades próximas às áreas de fronteira com o Uruguai, adotando uma perspectiva de recepção de alunos uruguaios em diversos cursos, especialmente, de turismo.

Com base nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar as potencialidades da atratividade local da configuração da oferta turística competitiva, por meio da cooperação transnacional ou transfronteiriça das cidades-gêmeas da fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Além de revisão bibliográfica e de investigação documental, o método da pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, foi de observação direta da atuação das organizações do turismo local, especialmente, das instituições de ensino e pesquisa, que oferecem cursos na área.

Além da introdução, os tópicos da estrutura do artigo são: a complexidade dos espaços de fronteira; desenvolvimento local; a região de fronteira Brasil-Uruguai e a cooperação *transfronteiriça*; potencialidades turísticas e atuação das universidades na região da fronteira Brasil – Uruguai; e considerações finais.

A complexidade dos espaços de fronteira

Em função das especificidades de sua condição limítrofe, as áreas de Fronteira são objetos de estudo complexos e, portanto, desafiantes, a começar pela contradição inerente à sua própria essência, em razão de, representando o limite de um país, elas tanto separam dois Estados como se constituem, também, no primeiro ponto de tangência entre ambos.

Vinculada inicialmente a um imaginário que a projetava como espaço de potencial atrito internacional, a Fronteira era concebida como o limite da soberania nacional, a demarcar, separar e sinalizar diferentes nações e (pretensamente) diferentes culturas. Em um contexto contemporâneo, tal concepção em torno das Fronteiras modifica-se, influenciada pelo processo de globalização e pelos imaginários a ele associados de liberalização e integração de espaços, com ampla circulação de pessoas e mercadorias, a começar pelos blocos internacionais como União Europeia e Mercosul.

As representações acerca das fronteiras migram, assim, de espaços de separação a esferas de contato, de limite a ideia de encontro, sendo concebidas, não mais como uma linha divisória, mas como região, onde se efetuam trocas e intercâmbios constantes entre as populações vizinhas. A emergência desse novo imaginário acerca da Fronteira propiciou a percepção da possibilidade de apropriação das áreas limítrofes dos Estados Nacionais pela atividade turística, ainda que recente e de modo muito incipiente e subvalorizado ou subaproveitado.

Diante de suas proporções espaciais continentais, com 8.514.876,599 km² de território nacional, de acordo com o Ministério da Integração Nacional (2009), o Brasil apresenta uma grande diversidade física e cultural, o que se traduz numa multiplicidade de possibilidades de destinos turísticos. Como decorrência dessa mesma amplitude espacial, o país apresenta uma ampla área de fronteira, estabelecida com 10 dos 12 países sul-americanos: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, e Guiana Francesa. No Brasil, a área limítrofe inserida em raio de até 150 km de largura, paralelo à linha divisória terrestre do território nacional, é denominada “Faixa de Fronteira”, e refere-se à área considerada indispensável à Segurança Nacional (de acordo com a Lei 6.634, de 02 de maio de 1979).

O Rio Grande do Sul, estado mais meridional do Brasil, por sua extensão e conformação geográfica, além de sua trajetória histórica de formação, faz limite político com as repúblicas argentina e uruguaia. Analisando-se a dualidade dos espaços fronteiriços, de separação e contato, a extensão da linha que tangencia os dois países, Argentina e Uruguai, é maior do que a linha estadual que o liga ao Estado vizinho, Santa Catarina. Somente com o Uruguai, são cerca de 1.000 km de extensão dessa linha, que reúne seis cidades diretamente ligadas ao território uruguaio.

Desenvolvimento local

A definição de desenvolvimento socioeconômico é baseada em vários aspectos, sendo um dos critérios mais utilizados para sua fundamentação conceitual o indicador *renda*. Entretanto, apesar de muito utilizado, esse indicador mostra-se insuficiente, pois além da renda, as atuais concepções acerca do desenvolvimento o relacionam à qualidade de vida dos habitantes do território compreendido. Desse modo, verifica-se a necessidade de considerar, além desse critério, outros fatores que compõem a vida do indivíduo, como educação, saúde e segurança. O desenvolvimento refere-se assim a uma dimensão mais ampla, lidando com um conjunto de fatores que se inter-relacionam.

A concepção de desenvolvimento local relaciona-se ao que Barquero (2001) define como desenvolvimento endógeno. Propõe-se a atender às necessidades e demandas da população local por meio da participação ativa da comunidade envolvida no processo de promoção do desenvolvimento e na aplicação de recursos do próprio meio. (BARQUERO, 2001). Esse modelo de desenvolvimento consiste basicamente em um enfoque territorial de desenvolvimento e de funcionamento do sistema produtivo, no qual está inserida ou pode vir a ser estimulada a atividade turística, justamente por sua identificação com as potencialidades do território. Nesse sentido, o turismo pode propiciar a organização da força produtiva local, com base nas características do meio e da população local. A proposta de desenvolvimento endógeno relaciona-se assim com os arranjos produtivos locais, cuja estrutura também está fundamentalmente ligada ao território.

Um arranjo produtivo local (APL) é caracterizado pela existência da aglomeração de um número significativo de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal. A análise da realidade dos arranjos produtivos locais fundamenta-se na competitividade e na inovação, por meio da articulação de empresas de um mesmo setor, localizadas em um território definido. Conforme a definição proposta pela RedeSist, arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas, que apresentam vínculos, mesmo que incipientes. (LASTRES e CASSIOLATO, 2003).

Os arranjos produtivos locais consistem assim em sistemas de inovação que se configuram de forma diferenciada, de acordo com a cultura regional, respeitando-se a identidade local, o que pode contribuir para um ambiente mais favorável ao empreendedorismo. No caso do turismo no Rio Grande do Sul, uma das principais organizações responsáveis pela elaboração de projetos turísticos que se baseiam em cadeias produtivas e redes de trabalho como forma de estruturação da atividade é o SEBRAE – RS (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Rio Grande do Sul). O SEBRAE-RS tem atuado na consolidação de vários APLs nas regiões turísticas do estado. O arranjo produtivo local pode valorizar tanto uma vocação local resultante da trajetória histórica, como pode surgir de uma oportunidade, tendo como principal premissa o estabelecimento de ações conjuntas como fator de cooperação e competitividade, convergindo em termos de expectativas de desenvolvimento.

Arranjos produtivos locais reunindo empresas de pequeno porte são especialmente importantes em regiões pouco desenvolvidas e de baixo nível de emprego (LASTRES e CASSIOLANO, 2003), como a região de fronteira Brasil-Uruguaí abordada neste estudo. Vista como um agrupamento de empresas, seu escopo geográfico pode envolver desde uma única cidade até uma rede de países vizinhos, utilizando-se da proximidade geográfica e identidade histórica, social e cultural como fonte de vantagem competitiva. A região, neste caso, é definida mais por critérios políticos do que propriamente físicos, sendo o recorte espacial do arranjo definido por seus integrantes. Especificamente no setor de turismo, no que tange à inovação, o empresário de qualquer segmento precisa desenvolver competências de articulação com diversos outros

segmentos, a fim de implementar sua atividade de forma coesa e integrada ao território. Inovação nesse contexto pode ser entendida como qualquer mudança que proporcione algum tipo de vantagem, como ganhos de competitividade ou produtividade.

A especialização e a formação de recursos humanos na cadeia produtiva do turismo são de importância fundamental, uma vez que grande parte da experiência turística é intangível, imaterial, sendo a qualidade dessa experiência em grande parte o resultado dos relacionamentos diretos estabelecidos e serviços prestados ao visitante, apoiado por estruturas tangíveis como hospedagem, transporte, alimentação, e entretenimento. A interatividade entre as empresas e as instituições de ensino e pesquisa, em um arranjo produtivo local de turismo, gera sinergia e contribui para melhorar a qualidade dos serviços. (PORTER, 1999). O valor da experiência do visitante depende não apenas da atração turística local, mas também do conforto proporcionado pela rede de serviços turísticos. Em razão da interdependência entre as organizações da rede, o mau desempenho de uma delas compromete o êxito das demais e do arranjo como um todo.

A região de fronteira Brasil-Uruguai e a cooperação *transfronteiriça*

Segundo Franco (2001), a fronteira estabelecida entre Brasil e Uruguai compreende uma extensão de 1.003 km, da foz do Arroio Chuí, no Oceano Atlântico à desembocadura do Rio Quaraí, no Rio Uruguai. A extensa fronteira do Rio Grande do Sul representa mais de 10% do total das fronteiras do Brasil, sendo que entre os demais estados brasileiros, somente o Amazonas tem uma extensão linha-limite maior que o Rio Grande do Sul, porém este possui as regiões fronteiriças mais povoadas do país. (COSTA, 1995). Essa ampla esfera de contato entre Brasil e Uruguai propicia o estabelecimento de uma dinâmica maior de interação diária entre brasileiros e uruguaios, possibilitando uma aproximação cultural transnacional. Além disso, quase metade do território rio-grandense se encontra incluído na “Faixa de Fronteira”, o que estende essa relação fronteira a outras cidades que não apenas as limítrofes, como os municípios de Alegrete e Bagé.

O conjunto de municípios limítrofes é composto por seis cidades brasileiras e suas respectivas correspondentes uruguaias, a saber: Santana do Livramento/Rivera, Chuí/Chuy, Aceguá/Acegua; Quaraí/Artigas, Barra do Quaraí/Bella Unión, e Jaguarão/Rio Branco. Tais áreas urbanas interligam-se ora por conurbação, as chamadas “fronteiras secas”, ora por pontes que garantem a integração geográfica quando a linha demarcatória é definida por um rio. Assim, a cooperação transfronteiriça tem sido, desde seu estabelecimento, uma necessidade para os habitantes do sul do país, não apenas no que se refere aos aspectos comerciais, mas ainda no que se refere ao atual trânsito de pessoas em suas viagens fora do território nacional.

A região abordada neste artigo situa-se no Arco Sul, na Sub-Região XVII. Caracteriza-se pelo alto grau de urbanização da maioria de seus municípios, representando o maior índice agregado no contexto do Arco Sul (82%). A região é composta por municípios de grande extensão e apresenta, em sua base produtiva, uma forte especialização na bovinocultura de corte, ovinocultura e rizicultura, voltadas para o abastecimento do mercado nacional e para exportação. Em função das características regionais, além das acima descritas, entre as várias potencialidades de desenvolvimento dos Arranjos Produtivos Locais (conforme se pode verificar no mapa abaixo), o turismo figura como potencialidade não apenas na Sub-Região XVII, do Arco Sul, como também nas demais sub-regiões dos Arcos Central e Norte.³

O turismo, como prática social, independentemente da motivação que desperta o deslocamento, pode ser considerado um fenômeno essencialmente espacial. Dispõe basicamente do território, seja em sua manifestação urbana, rural ou natural, como matéria-prima, alicerçado por estruturas de suporte a essa viagem, e que compõem o produto turístico. Ao fundamentar-se nas características ambientais, históricas, culturais e econômicas, o turismo apresenta-se como um

³ Figuras, na metade sul do Rio Grande do Sul, considerada prioritária junta às mesorregiões (Mesorregião do Alto Solimões, Mesorregião do Vale do Acre e Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul), os seguintes municípios: Aceguá, Alegrete, Arroio do Padre, Arroio Grande, Bagé, Barra do Quaraí, Caçapava do Sul, Cacequi, Candiota, Canguçu, Capão do Sipó, Capão do Leão, Cerrito, Chuí, Dom Pedrito, Encruzilhada do Sul, Garruchos, Herval, Hulha Negra, Itacurubi, Itaqui, Jaguarão, Jaguari, Jari, Lavras do Sul, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Quaraí, Rio Grande, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, Santana do Livramento, Santiago, São Borja, São Francisco de Assis, São Gabriel, São José do Norte, São Lourenço do Sul, São Sepé, São Vicente do Sul, Tupanciretã, Turuçu, Unistalda, Uruguiana e Vila Nova do Sul.

importante fator de desenvolvimento local e regional, servindo-se dos elementos que determinado território oferece como insumo básico à atração de potenciais visitantes, tanto em suas

Segundo Carvalho (2002), o poder de atração dos lugares se dá porque o lugar comunica, sendo uma das formas de comunicação entre as pessoas a manifestação da construção de seus próprios lugares. O turismo apresenta também potencialidade de desenvolvimento das localidades, em face à sua ampla cadeia produtiva, envolvendo o setor de transporte, hospedagem, gastronomia, lazer, o que se reflete, por sua vez, em seu efeito multiplicador na economia local. Nesse sentido, o turismo constitui-se de modo amplo e geral numa “rede de organizações ou empresas de serviços, que tanto dependem dos demais setores, como a indústria (setor secundário) e a agricultura (setor primário) para desenvolver-se quanto os promove e impulsiona. (BOULLÓN, 2002; BENI, 2003; ANSARAH, 2005; TRIGO, 2005).

Potencialidades turísticas e atuação das universidades na região da fronteira Brasil – Uruguai

Atualmente, a inserção da temática de fronteira no turismo já se verifica em âmbito acadêmico, principalmente, no Rio Grande do Sul, estado brasileiro com cerca de 1.000 km de linha de fronteira, fazendo divisa com Argentina e Uruguai. O interesse pelo desenvolvimento da atividade turística na região evidencia-se diante da recente atenção dada a essa linha político-administrativa, ora imaginária, ora demarcada no território, que levou a que, em 2010, fossem criados dois novos cursos de Turismo no estado, em cidades de fronteira: o Curso Tecnológico de Turismo Cultural, na UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa, cidade de Jaguarão; e o Curso Binacional de Bacharelado em Turismo, da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG) - Campus da cidade de Santa Vitória do Palmar, o qual destina cinco das suas 25 vagas a uruguaios.

No primeiro curso, o interesse pelo aproveitamento da condição fronteiriça e pelo aprofundamento teórico do fenômeno verificou-se na análise das disciplinas oferecidas na grade curricular, demonstrando uma concepção de unidade e especificidade de manifestações culturais locais arraigadas à condição fronteiriça. Entre as disciplinas do Curso de Tecnologia em Gestão do

Turismo⁴, pode-se destacar “Turismo e Desenvolvimento Regional”, “Turismo de Fronteira”, “História e Cultura de Fronteira”, e “Espanhol Instrumental para o Turismo”, que reforçam o caráter plural da fronteira política de delimitação de territórios nacionais e de esfera de contato de diferentes nações. Em razão das propostas pedagógicas, vislumbra-se o fortalecimento do potencial de atratividade turística das áreas de fronteira por meio da mudança de visões das populações, cujas memórias evocam os tempos dos valores bélicos e de defesa da segurança nacional.

No caso do Curso Binacional de Turismo da FURG, algumas disciplinas da grade curricular indicam a preocupação com a cooperação transnacional, além das disciplinas gerais de turismo, como “Formação da Sociedade Brasileira I e II” e “Formação da Sociedade Espanhola I e II”, “Língua Espanhola Instrumental I”, “História das Relações Internacionais I e II”, “Fundamentos Político-Ideológicos da Fronteira Extremo Meridional Sul-Americana”, “Integração Latino-Americana”, e “Fundamentos Ambientais e Culturais da Fronteira Extremo Meridional Sul-Americana”⁵.

Além disso, em ambas instituições de ensino superior, adotou-se a política de destinar vagas à alunos do Uruguai, de cidades da região, fato que amplia o intercâmbio entre Brasil e Uruguai e estimula acordos de cooperação transfronteiriça. Tais fatos indicam a possibilidade de uma integração maior entre os dois países por meio de suas áreas de fronteira, por meio da estruturação em arranjos produtivos locais transnacionais, que possam apresentar uma oferta integrada de atrativos turísticos entre as cidades-gêmeas.

No caso específico de Jaguarão e Rio Branco, verifica-se uma relação de complementaridade no que se refere à oferta turística, sendo que os turistas brasileiros, que buscam a cidade de Rio Branco para motivos de compras, hospedam-se predominantemente na cidade brasileira, pela ausência de infraestrutura turística em Rio Branco. Da mesma forma, verifica-se a grande afluência de uruguaios que visitam Jaguarão por seu patrimônio arquitetônico, tombado em 2011 pelo

⁴ Grade curricular do Curso de Tecnologia em Gestão do Turismo, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus Jaguarão (RS). Disponível em <<http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/turismo/files/2012/02/matriz-com-cores.pdf>> Acesso em 25/05/2012.

⁵ Grade curricular do Curso de Bacharelado em Turismo Binacional da Fundação Universidade do Rio Grande – FURG - , Campus de Santa Vitória do Palmar (RS). Disponível em <http://www.turismobinacional.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18:grade&catid=5:ensino&Itemid=17> Acesso em 25/05/2012.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, assim como daqueles turistas que, buscando as praias do litoral gaúcho e catarinense, passam e por vezes se hospedam em Jaguarão por situar-se no caminho entre a República Uruguaia e o litoral brasileiro.

Verifica-se da mesma forma desejo de estabelecimento de rede de cooperação transnacional pela população da cidade uruguaia, conforme verificado em uma palestra do Fórum de Turismo Cultural de Jaguarão em março de 2010⁶. Como a moeda brasileira encontra-se valorizada em relação ao Peso Uruguaio, verifica-se o crescimento do setor comercial nas cidades uruguaias junto ao limite nacional, aproveitando o forte movimento de turismo comercial, em que brasileiros viajam até a fronteira para obter produtos a preços mais baixos no Uruguai. Os *free-shops*, estabelecimentos comerciais com isenção de impostos, estão presentes em diversos pontos da fronteira uruguaia, sendo um estímulo a esse fluxo turístico.

Os cursos de turismo das cidades de Jaguarão e Santa Vitória do Palmar integram alunos de ambas as nacionalidades, de modo a pensar o turismo na região. Em cidades que não diretamente as limítrofes, mas que se encontram dentro da Faixa de Fronteira, destaca-se Santa Maria, com o curso de turismo da Universidade Franciscana (UNIFRA), que criou, em parceria com o Ministério do Turismo, o Seminário de Turismo de Fronteira (FRONTUR). Os estudos do evento têm priorizado o olhar sobre o Turismo como prática social e, portanto, dinâmica, e nestes termos utilizado metodologias de pesquisa que considerem a transdisciplinaridade necessária para sua completa compreensão.

Considerações finais

As fronteiras, como espaços de fluxo constante de capital, envolvem o fluxo de muitas pessoas, e possibilidade de trânsito de muitos turistas, ou turistas em potencial. Esse fato, aliado à

⁶ Durante o evento, na explanação de uma consultora do SEBRAE sobre a atuação no território, houve manifestação de um grupo de uruguaiois interessados na proposta de redes de cooperação e estruturação de APLs, porém a referida instituição não prevê ainda a atuação fora do território nacional, em função da regulamentação que rege seu funcionamento.

dimensão que as regiões de fronteira assumem no Brasil, conduz à necessidade de maiores estudos de tais áreas para sua inclusão em projetos de turismo como vetor de desenvolvimento regional, conforme proposto pelo Programa de Desenvolvimento da faixa de Fronteira – PDFF -, do Governo Federal. A valorização do território, impulsionada pelo turismo, pode conferir às zonas fronteiriças um maior grau de atratividade para estes espaços e a possibilidade de estímulo ao desenvolvimento turístico local e regional. O turismo, como atividade indissociável das características dos territórios, pode valorizar lugares que a princípio não teriam valor no contexto da lógica de produção capitalista, contribuindo para o bem-estar das sociedades desfavorecidas.

O relacionamento transfronteiriço entre os municípios e regiões limítrofes no Sul do Brasil, Argentina e Uruguai, já se verifica desde os primórdios da configuração dos limites deste território, nos séculos XVIII e XIX, emergindo tanto como uma necessidade como posteriormente como uma prática cotidiana. Entretanto, verificam-se ainda lacunas no relacionamento entre os organismos responsáveis pela atividade turística nos municípios. O incentivo ao desenvolvimento do turismo nos municípios fronteiriços pode ser alternativa de diversificação econômica para estas áreas de baixa densidade demográfica e baixo índice de desenvolvimento. A atividade turística pode vir a atuar não apenas nos problemas referentes ao âmbito econômico, mas também cultural, patrimonial e natural, evitando a descaracterização do território por problemas de manutenção e valorização do patrimônio local.

A proximidade geográfica e a similaridade cultural manifesta nas áreas fronteiriças do Sul do Brasil com o Uruguai demonstra a possibilidade de incremento da renda e promoção do desenvolvimento local a partir do aproveitamento dos recursos locais pela atividade turística. Por tratar-se de uma região criada sob as mesmas condições de militarização e disputa de limites, as cidades-gêmeas apresentam problemas e possibilidades de resolução similares, o que estimula uma perspectiva comum de solução das demandas na região.

A solução dos problemas da integração da fronteira é fundamental para a consolidação do Mercosul, e o turismo pode contribuir significativamente como vetor desse processo, vindo a incentivar outros setores a tentar estabelecer um diálogo de aproximação para o aproveitamento de oportunidades e solução de problemas comuns. Verifica-se já uma integração real de caráter

informal, que se efetiva e se atualiza por meio das práticas de comunicação cultural, das trocas e trânsito constante de pessoas e de culturas de e para ambos os lados da fronteira. Entretanto, é preciso que se intensifiquem as ações e que haja mais comprometimento com a realidade da integração socioeconômica. Nesse sentido, é importante a atuação das instituições de ensino e pesquisa, cujas propostas pedagógicas sejam adequadas às necessidades e às expectativas das populações das fronteiras entre os países, conforme os exemplos das universidades destacadas neste artigo.

Referências

ANSARAH, Marília G. dos Reis. **Turismo e segmentação de mercado: novos segmentos**. In: Trigo Luiz G. Godoi. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

BARQUERO, A. V. Desenvolvimento Endógeno. In.: BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Tradução de Ricardo Brinco – Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001.

BENI, Mário C. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.

BOULLÓN, Roberto. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: EDUSC, 2002.

CARVALHO, P. F. **Patrimônio histórico e artístico nas cidades paulistas: a construção do lugar**. In.: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. (org). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

CASTELLO, I. R. **Áreas de fronteira: territórios de integração, espaços culturalmente identificados**. In.: CASTELLO, I. R., HAUSEN, E., LEHNEN, A. *et al.* **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Instituto Goethe-ICBA, 1995.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo x espaço: reflexões necessárias na pós-modernidade**. In.: GASTAL, S., e CASTROGIOVANNI, A. C. (orgs.). **Turismo na pós-modernidade: (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Comunicação, 25).

CASTROGIOVANNI, A. C.; GASTAL, S. **Fronteiras e turismo: tensionando conceitos**. In.: **Anais do IV SEMINTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL e III Seminário da Associação**

Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, 2006.

COSTA, R. H. **Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

FERREIRA, A. C. **Interações na fronteira Brasil-Uruguaí:** um estudo de caso das cidades de Jaguarão-RS (Brasil) e Rio Branco (Uruguaí). In.: Revista Eletrônica Boletim do Tempo, ano IV, nº 37. Rio de Janeiro: 2009.

FRANCO, S. C. **Gente e coisas da fronteira sul:** ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FRANCO, S. C. **Origens de Jaguarão (1790-1833).** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1980.

LASTRES, H., CASSIOLATO, J. E. **Novas Políticas na era do conhecimento:** o foco em Arranjos Produtivos e Inovativos Locais. Disponível em <http://redesist.ie.ufrj.br/dados/nt_count.php?projeto=ar1&cod=2>. Acesso em Maio de 2012.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nações.** São Paulo: Contexto, 1998.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDF.** Secretaria de Programas Regionais. Governo Federal. Brasília, 2009.

MIRANDA, W. M. **Arquitetura e urbanismo na fronteira Brasil/Uruguaí:** o espaço comercial construído em Jaguarão/Rio Branco (1800-1940). Tese. Curso de Doutorado em Integração Regional. Universidade Federal de Pelotas, 2002.

NEVES, G. R. **A rede urbana e as fronteiras:** notas prévias. In.: OLIVEIRA, N., BARCELLOS, T. **O Rio Grande do Sul urbano.** Porto Alegre: FEE, 1990.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARÃO. Disponível em <<http://www.jaguarao.com.br/prefeitura/page11.aspx>>. Acesso em Maio de 2012.

SCHÄFFER, N. O. Urbanização: as Áreas de Fronteira e a Integração Latino-Americana. In.: OLIVEIRA, N., BARCELLOS, T. **O Rio Grande do Sul urbano.** Porto Alegre: FEE, 1990.

SEBRAE/RS - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul. Disponível em <www.sebrae-rs.com.br>. Acesso em Maio de 2012.

TOMAZONNI, E. L.; BÜHLER, L.; PATRUCCO, L. G.; HOLLEBEN, D. **Turismo como desafio do desenvolvimento econômico do Mercosul na era da globalização.** In.: Anais do I Seminário de Estudantes de Pós-graduação em Estudos Americanos. Santiago, Chile: 2008.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

TOMAZZONI, E. L. **Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

TOMAZZONI, E. L. **Turismo e integração da fronteira do Mercosul.** In.: Global Manager. Faculdade da Serra Gaúcha – v. 5, n. 8 (2005) – Caxias do Sul, RS: FSG, 2005.

TRIGO, Luiz G. G. (ed). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo, Rocca, 2005.